



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS

Mariana Mader de Almeida

A RUA COMO TELA PARA NOVOS ARTISTAS BRASILIENSES

Brasília

2015

Mariana Mader de Almeida

A RUA COMO TELA PARA NOVOS ARTISTAS BRASILIENSES

Trabalho de conclusão do curso de
Comunicação Social com habilitação em
Publicidade e Propaganda.
Tecnologia Aplicadas do UniCEUB -
FATECS.
Orientado pela Prof. MsC Úrsula Diesel

Brasília

2015

Dedico este trabalho às minhas famílias materna e paterna, que acreditam na arte, na cultura, no investimento dos meus sonhos, sejam eles quais sejam, e me apoiaram desde o início em todas as minhas escolhas profissionais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente à minha mãe e meu pai, por todo o esforço emocional e financeiro durante esses quatro anos de faculdade. Por acreditarem em mim e me apoiarem todas as vezes que precisei.

Agradeço meu namorado, Tiago Peixoto, por estar ao meu lado quando mais precisei. Por ter me ajudado na parte técnica de meu trabalho, por ser motorista nas buscas aos grafites e por me ajudar no mapa de grafites.

Agradeço à família de Tiago, por me emprestar computador, casa e tudo o que foi necessário para eu entregar cada parte deste trabalho.

Agradeço à minha irmã de sangue, Julia, por ser um anjo em minha vida, e minhas primas maternas, Helena e Luiza, que pra mim também são irmãs mais velhas, por me entenderem e me amarem incondicionalmente.

Agradeço à minha avó, Dona Anna Luiza, por me fazer ligações de longe para saber como estou e se estou estudando para conquistar meus sonhos.

Agradeço à minha professora querida, Úrsula Diesel, por me ajudar em todo o processo de conclusão do meu trabalho, por acreditar no meu potencial desde os primeiros semestres da faculdade e por ser tão presente e prestativa nessa etapa final do curso.

RESUMO

O presente documento é o Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como tema “A rua como tela para novos artistas brasilienses”. Seu objetivo é entender o que é Arte Urbana e como se dá o uso artístico do espaço urbano hoje. Além disso, também será mostrada a legislação nacional acerca da produção de grafites e pichações nas ruas, junto com uma pesquisa básica sobre Brasília e o bairro Asa Sul. O estudo teórico vem com o aprofundamento dos conceitos de arte urbana, comunicação, arte como comunicação, cidade e espaço público. Ao final do trabalho, são apresentados os artistas escolhidos para melhor exemplificar as técnicas de Grafite e Lambe-lambe. Contando um pouco sobre cada um deles e como eles estão inseridos na arte de rua, juntamente com algumas fotos de suas artes, uma entrevista curta com cada um deles e um mapa ilustrativo dos locais das obras fotografadas.

Palavras-chave: Rua. Intervenções Urbanas. Espaço Urbano. Novos Artistas. Brasília.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A CONTEXTUALIZAÇÃO.....	10
1.1 A História e a Técnica do Grafite e do Lambe-Lambe	10
1.1.1 Grafite.....	10
1.1.2 Lambe-Lambe	13
1.2 O uso artístico do espaço urbano	15
1.3 Brasília	16
1.4 A Legislação Nacional	18
2. A TEORIA	21
2.1 Arte Urbana/ Intervenção Urbana	21
2.2 Conceito de Comunicação	23
2.3 Arte como Comunicação	25
2.4 Cidade	27
2.5 Espaço Público.....	28
3. METODOLOGIA	30
3.1 Revisão Bibliográfica.....	30
3.2 Metodologia	30
3.3 Pesquisa Descritiva	30
3.4 Pesquisa Explicativa.....	31
3.5 Pesquisa de Campo	31
4. A PESQUISA DE CAMPO	33
4.1 Os artistas	33
4.1.1 Julianna Motter	33
4.1.2 Gurulino.....	37
4.1.3 Siren	41
4.1.4 Toys.....	44
4.2 As perguntas	48
4.3 Mapa	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema “A rua como tela para novos artistas brasileiros”. Tem como objeto o estudo de como novos artistas brasileiros usam o espaço urbano como forma de expor suas obras de arte, mais especificamente via Grafites e Lambe-lambes no bairro Asa Sul, situado em Brasília, DF.

O bairro foi escolhido pela grande admiração por ele, por ser um sonho morar nessa região de Brasília. E a escolha do tema foi movida por grande interesse em se aprofundar no estudo sobre grafite e pelo amor a esse tipo de obra de arte.

Como diz o artigo de João Neto (2012), “uma das manifestações artísticas mais interessantes do século XXI são as intervenções artísticas nos ambientes urbanos. Esses trabalhos trouxeram novas possibilidades visuais onde não eram imaginados, aliás, onde não eram explorados”. Então, este meio de comunicar é um meio moderno e eficaz para novos artistas que procuram um reconhecimento visual de seus trabalhos.

Assim, a pergunta problema deste trabalho questiona como o uso do recurso intervenção urbana virou tela para novos artistas realizarem suas obras de arte.

Brasília possui uma população de mais de dois milhões de pessoas. É a capital do Brasil e moradia dos políticos que governam o país, até por isso, uma cidade de grande personalidade, artística, revolucionária e moderna. Brasília também é conhecida por ser casa de bandas famosas, artistas renomados e microempreendedores de sucesso. Por isso, é imaginável que a cidade em questão esteja sendo aproveitada em seu máximo por todos aqueles que vêm Brasília como promissora para um futuro reconhecimento.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como novos artistas brasileiros que atuam no Plano Piloto, especificamente no bairro Asa Sul, podem utilizar a intervenção urbana como forma de exposição de suas artes.

Os objetivos específicos são estudar as técnicas Grafite e Lambe-lambe e explicá-las de forma clara e sucinta, analisar o trabalho de novos artistas que utilizam do espaço urbano por meio de Grafites e Lambe-lambes para expor suas artes e serem reconhecidos. Também é um objetivo específico a apresentação de fotos feitas especialmente para este trabalho de algumas dessas intervenções, para que seja mais clara a explicação do trabalho.

O TCC está dividido em seis capítulos, sendo que o primeiro, aborda a parte histórica conceitual e expõe dois pontos muito importantes: características das técnicas Grafite e Lambe-lambe e considerações sobre o uso artístico do espaço urbano. Ainda no primeiro capítulo, foi feita uma pesquisa básica sobre Brasília e o bairro Asa Sul e sobre o entendimento da Legislação Nacional e algumas leis específicas a cerca da produção de grafites e pichações no Brasil.

O segundo capítulo é composto pela teoria de base, que se torna forte por trazer autores como Pedro Russi, Lúcia Santaella, McLuhan e Marc Augé. Eles foram selecionados para dar voz a todos os conceitos escolhidos a serem abordados no trabalho de conclusão de curso, sendo eles: arte urbana, comunicação, arte como comunicação, cidade e espaço público.

O terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada no trabalho, esclarecendo os critérios e procedimentos quanto ao levantamento fotográfico e a realização do questionário. Apresenta a pesquisa teórica que se embasa em livros e artigos dos autores selecionados e o entendimento a cerca de cada um desses assuntos. É realizado o resgate do objetivo do trabalho e a justificativa de ele ter sido alcançado. A pergunta problema é respondida e as teorias do segundo capítulo são exploradas de maneira a melhor entendê-las após todo o estudo. As respostas dos artistas na entrevista são discutidas e analisadas para a extração de conteúdo de quem vive a arte urbana todos os dias. Ao final, algumas sugestões são apontadas para futuros trabalhos, sejam eles quais forem, para melhor direcionar e indicar como um assunto desse pode ser discorrido.

O quarto capítulo traz a análise e pesquisa de campo, contando um pouco sobre a vida dos artistas, como eles estão inseridos no contexto artístico urbano de Brasília e fotos produzidas para este TCC de exemplos vivos da intervenção urbana deles. Como complemento, uma entrevista curta foi feita com cada um, com perguntas baseadas nos assuntos principais deste trabalho e um mapa com pins das obras escolhidas, que se espalham por toda a Asa Sul.

O quinto capítulo é composto pelas considerações finais, onde há o entendimento a cerca de todo o trabalho, o que foi entendido sobre tudo o que foi lido e pesquisado. A recuperação do objetivo vem para a discussão de se o trabalho alcançou o que pretendia ou não e em que medida, e, a volta da questão problema vem para que ela seja respondida de maneira clara e sucinta. Ao final, a apresentação de sugestões para o prosseguimento do trabalho vem para ajudar e dar dica aos leitores que se interessaram pelo assunto, a, quem sabe, um dia, auxiliarem eles a discorrerem sobre essa assunto de maneiras diferentes.

O sexto capítulo é o recolhimento de todas as referências bibliográficas utilizadas, desde a introdução até a pesquisa de campo. São elas matérias e artigos online, dissertações e livros, que foram escolhidos a dedo para darem força ao trabalho.

1. A CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 A História e a Técnica do Grafite e do Lambe-Lambe

1.1.1 Grafite

A Arte Rupestre é conhecida como a forma de arte mais antiga do mundo, para alguns. Iniciada no Período Paleolítico Superior e reconhecida pela primeira vez no ano de 1902, pode ser encontrada até hoje em todos os continentes do mundo.

Como diz Thais Pacievitch (2015), no artigo “Arte Rupestre”, “o estudo dessa arte favoreceu o conhecimento de pesquisadores em relação aos hábitos dos povos da antiguidade e sua cultura. As matérias primas utilizadas para a expressão artística eram pedras, ossos e sangue de animais. O sangue, assim como o extrato de folhas de árvores, era utilizado para tingir. Silhuetas de mão e pés, portanto, devem ser as mais primitivas expressões artísticas”, como forma de reconhecimento humano ou até de marcação de território.

Recorrendo ainda ao artigo de Pacievitch “as principais obras eram desenhos e pinturas, tendo como tela as paredes e tetos de cavernas. Eram representados, principalmente, animais selvagens, mãos e pés, linhas, círculos e espirais. Seres humanos eram mais representados em situações de caça” e guerra, como forma de expor suas realizações, suas habilidades e, também, para marcar território.

Como podemos perceber, o ser humano vivia experiências e tinha objetivos a serem alcançados, e a melhor forma de expressar isso para que as outras pessoas os reconhecessem como “seres vivos” e poderosos era fazendo esses registros rudimentares. Com a evolução humana e o nascimento das tecnologias, o homem passou a ter mais recursos para expressar suas emoções, agora, usando paredes e tintas.

Nasce então a técnica Grafite, uma das formas de manifestação artística em espaços públicos. Como diz Eliene Percília (2015), no artigo “Grafite”, “existem relatos e

vestígios dessa arte desde o Império Romano. Seu aparecimento na Idade Contemporânea se deu na década de 1970, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Alguns jovens começaram a deixar suas marcas nas paredes da cidade, e, algum tempo depois, essas marcas evoluíram com técnicas e desenhos.”

Como diz Percília, “o Grafite está ligado diretamente a vários movimentos, em especial ao *Hip Hop*¹. Para esse movimento, o Grafite é a forma de expressar toda a opressão que a humanidade vive principalmente os menos favorecidos, ou seja, o Grafite reflete a realidade das ruas.”

Então, com a evolução mundial, o ser humano passou a ter mais recursos, tanto em ferramentas para pintura como também quanto ao veículo utilizado, sendo agora paredes de concreto, asfalto e qualquer outro suporte que faça parte da paisagem urbana.

Esta forma de arte – o Grafite - finalmente chega ao Brasil, no ano de 1970, em São Paulo. No artigo “A Arte do Grafite”, Anna Adami (2015) diz que “os brasileiros se sentiam insatisfeitos com o tom e a linha que os americanos seguiam e desenvolveram as próprias técnicas, ao botar o toque de “brasilidade” em suas artes, fato este que colocou em destaque o traço brasileiro entre os melhores do mundo.”

Muitas pessoas podem confundir Grafite com Pichação, mas são duas técnicas completamente diferentes. Pichação é rabiscar palavras ou frases, muitas vezes em letras modificadas, de modo que apenas pessoas que picham possam ler. Essa técnica é muito usada para demarcar territórios de gangues, para escrever protestos e xingamentos.

O termo pichação parece ontologicamente inscrito no conceito de despeito, delito, reacionário, mas considerando-a dentro do contexto geral de *graffiti* (grafitar, gravar). Já o *graffiti* vivencia uma

¹ *Hip Hop* é um gênero musical, com uma subcultura iniciada durante a década de 1970, nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas de Nova Iorque. A relação entre Grafite e a cultura *Hip Hop* surgiu quando novas formas de pintura foram sendo realizadas em áreas onde a prática dos outros três pilares do *Hip Hop* eram frequentes, no caso, na rua. (WIKIPEDIA, 2015b)

domesticação que o transforma em arte (inserindo em museus, programas de TV...) em contraponto ao primeiro. (RUSSI, 2013, p. 46)

Ainda conforme o artigo de Adami, “o Grafite sempre foi uma manifestação duramente criticada por muitos, pois em alguns aspectos sua expressão pode ser interpretada como um rabisco, assim como a pichação, que causa mais poluição visual, além de ser considerado um ato de vandalismo (pichar muro e patrimônio público). Por outro lado, o Grafite é uma arte de rua, reconhecida pela sofisticada qualidade artística”. É irrepetível, pois nunca um artista conseguirá reproduzir um mesmo Grafite em diversos lugares. A diversidade de cores, desenhos, traços, mensagens é algo que torna o Grafite mágico, uma obra a ser observada e admirada.

No mundo do Grafite, assim como em qualquer realidade restrita ou grupo, existem expressões para muitas coisas. A título de curiosidade, como diz Adami em seu artigo já explicitado, “os termos utilizados nesta modalidade artística são: *Spot*, local onde se desenvolve a arte do Grafite; *Toy*, termo designado ao grafiteiro que é iniciante; *Tag*, que é a assinatura de quem desenhou; *Bite*, aquele que copia o estilo de determinado grafiteiro; *Crew*, grupo de amigos que se reúne para pintar em um mesmo local e o *Writer* ou Grafiteiro, que é o artista responsável pela pintura”. Dentre os materiais utilizados para o grafite, podemos listar os mais importantes como lata de spray e tinta, além dos materiais de apoio, como luvas de látex e máscara filtradora.

São brasileiros alguns dos nomes mais conhecidos e renomados no mundo do Grafite. Segundo o artigo de Ezio Jemma (2014), os Gêmeos, Gustavo e Otávio Pandolfo, irmãos idênticos, começaram a grafitar pelas ruas de São Paulo em 1986, quando tinham apenas 12 anos de idade. As experiências foram aumentando com parcerias internacionais até que, em 2003, conseguiram a primeira exposição solo em São Francisco. “Em 2005 foi a vez de Nova York e, após conquistarem o exterior, realizam sua primeira mostra no Brasil em 2006. Seus Grafites estão espalhados por cidades dos EUA, Inglaterra, Alemanha, Grécia, Cuba e vários outros locais”. Os Gêmeos podem ser considerados um dos maiores nomes da grafiteagem no Brasil e no mundo, por isso, eles servem de exemplo para grandes artistas de hoje e inclusive já

renomados. Além deles, nomes como Kobra, Zezão, Alex Senna, Binho Ribeiro, Nunca, Speto e Crânio são famosos artistas brasileiros de Grafite.

Podemos concluir que o Grafite é uma técnica primária e que vem evoluindo junto com o ser humano como forma de expressão e servindo, muitas vezes, como voz para aqueles que sentem a necessidade de contar algo para o mundo.

1.1.2 Lambe-Lambe

Assim como o Grafite, o Lambe-Lambe é uma forma de intervenção urbana. É uma técnica diferente, tanto em termos de material como de facilidade de produção e desenvolvimento, mas também tem como objetivo transmitir algum tipo de mensagem para o público que frequenta as ruas todos os dias.

A técnica pode ser feita em produção de massa, por ser, normalmente, produzido no computador ou até manuscrito, com a possibilidade de ser replicado com fotocópias. A maioria dos Lambe-lambes são feitos em folhas A3 ou A4, com fundo branco, contendo mensagens, poesias ou uma palavra. Pode também ter fundo colorido, letras coloridas, elementos imagéticos ou até mesmo ser um desenho.

Segundo Rodrigo Bruno (2008), em seu artigo “Lambe-Lambe”, “o Lambe-Lambe basicamente é um poster de papel colado com cola, geralmente em muros e postes. Há séculos já é usado para a publicidade, divulgação e comunicação”. Usado primeiramente para divulgação de shows e propagandas, esta forma de divulgação se tornou alvo de pessoas criativas para fins artísticos.

Proveniente do Grafite, o Lambe-lambe, muito parecido com o *sticker*², começou a ser notado há menos tempo que outras manifestações artísticas e já conquistou artistas que encontraram facilidade tanto na sua elaboração quanto na aplicação.

² *Sticker* é uma modalidade de arte urbana que utiliza de etiquetas adesivas. É uma manifestação de arte pós-moderna popularizada na década de 1990 por grupos urbanos ligados à cultura alternativa. (WIKIPEDIA, 2015c)

Talvez um motivo para tanto reconhecimento dos artistas seja a facilidade de produção, que envolve fácil produção em massa, permite transmitir mensagens complexas, pode ser feito em muitos locais com o mínimo de esforço e risco.

Já como diz Raphael (2006) em seu site “Como colar *Stickers*”, “apesar da arte ilegal de rua não ser mais novidade em nenhuma grande metrópole do mundo, o *sticker* é um movimento que ganhou força nos últimos cinco anos com a proliferação da cultura *underground*³ e da busca de novas formas de expressão visual. Não devem ser confundidos com as propagandas clandestinas ou ainda com poluição visual, há um conceito por traz desse formato das expressões artísticas.”

Raphael compartilha sua pesquisa sobre Lambe-Lambe e diz que “é difícil saber onde se originou o *Sticker*, mas é atribuído ao artista americano Shepard Fairey a apresentação e divulgação dessa prática nas ruas, no início da década de noventa. Fairey, através de seus *Stickers*, *Posters* e *Lambe-lambes*, encheu várias cidades norte americanas e europeias com a clássica imagem, em alto contraste, do campeão de luta-livre André Giant, sempre com a indicação escrita: Obey Giant.” Já no Brasil, “na capital paulista, o movimento *Sticker* é presente há quase quinze anos e tem como principais nomes como Boleta, Flip, Sesper e Zezão.”

Essa forma de manifestação artística é tão nova quanto a internet e as redes sociais. Por isso, parecem aliadas certas vezes. Ainda como diz Raphael, “a internet tornou-se a principal ferramenta de comunicação e exposição dessa cultura mundial. Outro meio de intercâmbio cultural entre os fãs do Lambe-lambe são as galerias virtuais, onde pessoas de todo o mundo se conhecem, trocam *Stickers* por correio e têm o desafio de colar as obras dos amigos distantes em suas cidades, depois publicando fotos na Internet. É assim que muitos artistas ficam conhecidos internacionalmente sem ao menos saírem de suas cidades.”

³ *Underground*, (“subterrâneo” em inglês) é uma expressão usada para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais. Está relacionada à produção musical, às artes plásticas, à literatura, ou a qualquer forma de expressão artística da cultura urbana contemporânea. (WIKIPEDIA, 2015d)

Além disso, muitas pessoas que se identificam ou entram em contato com essa arte de alguma forma andam fazendo registros dessas intervenções, tanto Lambe-lambes como Grafites e outras formas de arte urbana, por meio das redes sociais. Essa é a melhor maneira de disseminar alguma mensagem nos dias de hoje, por isso, muitos desses artistas de rua estão criando perfis no Facebook, Instagram entre outras redes, para alcançar a maior quantidade de pessoas possível. Assim, pode-se entrar em contato com as mais diversas intervenções urbanas do mundo todo.

1.2 O uso artístico do espaço urbano

O significado de “público”, no senso comum, diz que o adjetivo permite qualificar aquilo que é manifesto, notório, sabido ou visto por todos, e aquilo que pertence a toda a sociedade e que é comum ao povo. Então, um espaço público é de propriedade estatal e domínio e uso da população em geral. Pode dizer-se que qualquer pessoa pode circular por um espaço público, obedecendo as limitações que as leis impõem.

Já a palavra “urbano” é um adjetivo que se refere àquilo que pertence ou que é relativo à cidade (a área de alta densidade populacional cujos habitantes não costumam dedicar-se a tarefas agrícolas). Apesar de haver muitas definições, segundo a matéria “Conceito de Cidade” (CONCEITO, 2013), é comum considerar-se que “uma cidade é uma aglomeração de mais de 5.000 habitantes, em que menos de 25% dos habitantes se dedicam à agricultura”. Então, o espaço urbano é o centro populacional e a paisagem própria das cidades. A noção é bastante usada como sinônimo de meio urbano ou área urbana.

Entrando na parte artística explorada no ambiente urbano, como diz a matéria “Conceito de Arte” (CONCEITO, 2011) o conceito de arte pode ser definido como algo que “engloba todas as criações realizadas pelo ser humano para expressar uma visão/abordagem sensível do mundo, seja este real ou fruto da imaginação. Através de recursos plásticos, linguísticos ou sonoros, a arte permite expressar ideias, emoções, percepções e sensações. A história indica que, com o aparecimento do Homo Sapiens, a arte teve uma função ritual e mágico-religiosa, que foi sofrendo

alterações ao longo do tempo. Seja como for, a definição do termo “arte” varia consoante a época e a cultura.”

De acordo com a dissertação de Luana Maia (2005) para o Programa de Pós-graduação em Geografia de para IGC/UFMG, nomeado de “O espaço urbano como suporte para arte”, “o espaço urbano, no decorrer da história humana, foi e continua sendo palco de manifestações culturais e artísticas. A cultura se inter-relaciona e dialoga com as cidades, transformando tanto os espaços quanto as manifestações culturais. As cidades contemporâneas tornaram-se importante material para a arte, tanto como tema quanto como suporte artístico.”

1.3 Brasília

Segundo matéria da EBC, “Brasília completa 55 anos com ousadia e desigualdades”, feita por Kariane Costa em abril de 2015, a capital do Brasil, que completou 55 anos em 2015, com aproximadamente 2.8 milhões de habitantes, é fruto de um sonho de Dom Bosco, que previu o surgimento de “uma civilização muito próspera, com um grande lago”. A dimensão pessoal da nova capital aparece logo.

Espero que Brasília seja uma cidade de homens felizes: homens que sintam a vida em toda sua plenitude, em toda sua fragilidade, homens que compreendam o valor das coisas simples e puras um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade. (NIEMEYER, 2012)

Recorrendo ainda à matéria de Costa, a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, foi feita pelo então presidente Juscelino Kubitschek. “Com projeto urbanístico de Lúcio Costa e arquitetura de Oscar Niemeyer, as primeiras obras começaram em 1956”, com o trabalho dos “candangos”, homens de outros estados que migraram para Brasília para participar das construções da cidade.

Ainda conforme a matéria da EBC, em 1987, “Brasília tornou-se Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade e, em 2008, foi escolhida a Capital Americana da Cultura”, por abrigar parques verdes por todos os cantos e respirar arte.

Segundo a Wikipédia (2015a), a Asa Sul é o bairro mais antigo de Brasília. É o bairro de maior arborização, mais populosa e com edificações mais antigas. “Diversos prédios são considerados exemplares históricos da arquitetura modernista da década de 1960”, e, por isso, a Asa Sul se torna o bairro com mais “cara de Brasília”.

O bairro foi tombado pela UNESCO como Patrimônio Histórico da Humanidade, no dia 7 de dezembro de 1987. Com 16 quadras, shoppings, comerciais, supermercados, restaurantes, hotéis, boates, bares e igrejas, o bairro é uma grande atração diurna e noturna durante toda a semana, além de ser um convite aberto para artistas dos mais variados tipos.

Falando um pouco sobre projetos que acontecem em Brasília, Grabiél de Sá, em sua matéria “Projeto Retrato Brasília vai mapear hábitos culturais da juventude do DF”, publicada em agosto de 2014, no Correio Braziliense, apresenta o projeto “Retrato Brasília” e discute um pouco sobre como é Brasília em relação ao momento cultural em que está inserida. Ele diz que Brasília, uma “região relativamente nova e povoada por habitantes de todo o país”, que ainda engatinha na busca de uma personalidade própria. “Este aspecto identitário, contudo, adquiriu forma mais bem definida nos últimos anos, graças ao esforço de jovens empreendedores que têm levado energia criativa e sentido de colaboração aos espaços públicos da Capital Federal, cada vez mais ocupados pela população.”

No site do CCBB, Centro Cultural do Banco do Brasil, se explica que o projeto Retrato Brasília é um evento que “reúne mostras de cinema interativa, documentário sobre empreendedorismo criativo, música, arte de rua, workshops de arte urbana, *graffiti*, skate e dança de rua, revitalização de espaços comunitários, feira pop-up, foodtrucks, rotas turísticas e instalação de mobiliário urbano, entre outras atrações”. É carregado de criatividade e oportunidade para aqueles que querem se destacar na capital do país com projetos inovadores.

Além disso, em matéria do blog “Quadrado Brasília”, o diretor criativo do Retrato Brasília, Jackson Araújo, responde algumas dúvidas sobre o projeto. Este “inclui quatro palestras, realizadas uma vez por mês, no CCBB, sobre quatro áreas

pesquisadas no Retrato”. “Após cada palestra, os painelistas realizam workshop com os chamados “novos pioneiros”: nome que batiza um grupo de oito pessoas, que participam do Retrato Brasília como representantes das quatro áreas pesquisadas”. Esses grupos apresentaram, no início deste ano, uma proposta de ação inovadora em cada área”, diz Jackson.

O grafiteiro Pedro Sangeon, criador do personagem Gurulino, é um dos influenciadores convidados a participar desse projeto. Com o trabalho “Experimente Utopia”, ele foi chamado pelas pioneiras do projeto, Patrícia Herzog e Tatiana Petra do projeto brasileiro “Experimente Brasília” como artista de intervenção urbana.

Torna-se evidente que Brasília é um local propenso para a descoberta de novos artistas, e as pessoas que trabalham com intervenção urbana, principalmente que mexem com grafite, estão ganhando visibilidade a cada dia que passa. Brasília respira arte.

1.4 A Legislação Nacional

O poder legislativo, no Brasil, é composto pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal. É de sua responsabilidade a elaboração das leis que regulam o Estado, a conduta dos cidadãos e das organizações públicas e privadas. Isto vem acima de tudo para que uma sociedade possa funcionar de maneira organizada.

Não foi encontrado nenhum tipo de arquivo, lei ou matéria falando sobre a existência de Lei Estadual, especificamente de Brasília, sobre a realização de Grafites e pichações na cidade, apenas a Lei Nacional.

No artigo do Planalto, assinado pela Subchefia de assuntos jurídicos, a Presidência da República expõe a Lei n. 9.605/1998, art. 65, que diz que pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano gera pena de detenção, de três meses a um ano, além de multa. E se o ato for “realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa.”

Em pesquisa online, foi encontrado um artigo de David Pimentel Barbosa, delegado de polícia do estado de São Paulo e professor de Direito Penal da Universidade do Grande ABC, com título “A descriminalização do grafite (BRASIL, 2011) e a tipicidade conglobante.

Em sua pesquisa, o autor diz que “a Lei n.12.408, de 25 de maio de 2011, alterou a redação do artigo 65, da Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, acrescentando um novo parágrafo no dispositivo, buscando “descriminalizar” o ato de grafitar.”

Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. (BRASIL, 1998)

A nova redação da lei, evidencia que hoje, os indivíduos que se dedicam ao grafite são considerados por muitos como verdadeiros artistas, que desenvolvem a atividade nos mais variados espaços urbanos (muros, viadutos, edifícios etc.) ainda que parte da população lute pela punição penal dos chamados “grafiteiros”.

Contudo, existem leis específicas para a proibição da pichação e comercialização de latinhas de tinta de aerossol. Segundo a Lei n. 12.408, de 25 de maio de 2011, artigo 65, “Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano”, com penas de 3 meses a 1 ano de detenção. Já no artigo 2º, “Fica proibida a comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol em todo o território nacional a menores de 18 (dezoito) anos.”

Como diz a Constituição Federal, as criações artísticas constituem o patrimônio cultural brasileiro, merecendo especial proteção do Poder Público (artigo 216, inciso III). Com isso, percebe-se que a cada dia que passa, a sociedade encara e percebe a arte urbana como arte a ser preservada e aprecia esta forma de arte como parte da

vida urbana, parte da identidade visual da cidade e parte do cotidiano de muita gente também.

Hoje, mesmo que essa Lei exista, os grafiteiros ainda temem a má interpretação de sua arte, ainda grafitam em horários em que as ruas permanecem quase desérticas e vivem como “pichadores”, o que não são. Na pesquisa de campo presente neste trabalho, observa-se que os locais em que vemos essas artes são em sua maioria becos, paredes viradas para quadras, pequenos espaços debaixo de rodovias e passarelas subterrâneas, ou seja, locais não muito frequentados por pessoas, principalmente de madrugada.

São ainda espaços públicos, de trânsito, mas carregam uma noção *underground*. A ação de grafitar ainda é associada a isso. Dificilmente se vê um grafiteiro em ação. Porém, à medida que se percebe como arte, como algo que complementa e transforma o espaço público urbano, deve ser mais valorizado.

2. A TEORIA

2.1 Arte Urbana/ Intervenção Urbana

Para estudar mais a fundo o Grafite como prática, como arte urbana, foi escolhido o capítulo “*Graffiti, acciones urbanas de sentido – un análisis semiótico*”, escrito por Pedro Russi (2013), no livro “*DeSignis – Espacios Simbólicos*”.

Como diz Russi, “o Grafite pode ser reconhecido como expressão de uma comunidade ou de indivíduos particulares, feitas em mídias selecionadas e através do qual os sentidos se manifestam. Ele demarca territórios no espaço e no tempo registrados e representa a identidade e reconhecimento de uma mente interpretativa.”

Já no livro *Processos Semióticos em Comunicação*, Russi tem o objetivo de retratar a realidade das “pichações” nos centros urbanos. O Grafite, por ser uma arte urbana e ter praticamente o mesmo objetivo da pichação, também entra em vários conceitos citados por ele ao longo do capítulo.

O mundo das pichações está constantemente propondo relações a partir de outras manifestações e justapõe eventos narrativos que muitas vezes não contam com nexos explícitos. Enquanto processo, estão inseridos não só as mensagens produzidas, mas os sujeitos, produtores e receptores, os cenários e os suportes urbanos onde se manifestam as linguagens empregadas nas pichações. (RUSSI, 2013, p. 46)

Russi faz um paralelo entre a realidade da “pichação” e do “*Graffiti*”, como ele especifica. Ele diz, na página 46, que os “*grafittis* e pichações advêm da mesma raiz e contextos similares, porque são formas de apropriação, de tratamento e manuseio dos espaços urbanos, com a intenção de que os “becos” vivam os excessos-caos, tensões por eles procurados.”

A grande diferença entre Grafite e Pichação se baseia no pensamento de que “o *grafitti* vivencia uma domesticação que o transforma em arte (inserido em museus, programas de TV...) em contraponto com a pichação” (p.46 – 47). Para Russi o “*grafitti* é um desenho-arte e a pichação não arte-não desenho.”

No conceito de “Arte Urbana”, também podemos abordar a autora Lúcia Santaella, professora e uma das principais divulgadoras da semiótica e do pensamento de Charles Pierce no Brasil. Em seu livro “O que é Semiótica”, escrito em 1983, ela explica que semiótica é a ciência de toda e qualquer linguagem.

Em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux, os rituais de tribos "primitivas", danças, músicas, cerimoniais e jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas de criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia etc. (SANTAELLA, p. 2, 1983)

Em qualquer tipo de fenômeno, a Semiótica busca seu ser de linguagem ou sua ação de signo. Essa consciência de linguagem ampla trouxe a demanda por uma ciência hábil para elaborar mecanismos de investigação e ferramentas metodológicas capazes de abranger o domínio variado dos fenômenos de linguagem.

Agora, fazendo uma análise sobre pichações, tendo entendido a visão e estudo de Santaella sobre semiótica, Russi apresenta uma fala que pode ser entendida dentro, também, da realidade do Grafite.

A pichação irrompe o “habitual”, transformando o homogêneo em diferente, isso entendido pela experiência semiótica (semiose), a intervenção – interação – se dá na forma de ação que deforma, modifica e altera, produzindo novos significados pela relação signo-objeto-interpretante no encontro com a heterogeneidade. (RUSSI, 2013, p. 51)

Ele diz que “o ato da escrita responde e corresponde a “uma” forma de pensar e de filtrar-se nas aberturas do pequeno desajuste que pode e deixa surgir o momento da instância interpretante. As paredes são, neste caso, o limite e o excesso, graduando ao mesmo tempo as relações do interno e do externo, público e privado de tal forma que sempre colocam e se colocam em crise pela tensão da possibilidade estática e organizadora.” (p. 69)

O mesmo se aplica ao Grafite e Lambe-lambe, pois eles sempre vão ter algo a dizer, uma mensagem a ser transmitida e a parede, o chão, o teto ou até um poste são o veículo que proporcionam a essas artes o local de tensão, de crise, de reflexão de quem passa por eles.

Então, o estudo da pichação feita por Russi se encaixa na análise das intervenções abordadas neste trabalho, por fazerem parte do mesmo contexto, o contexto da rua e tudo que engloba ela, a noção de *underground*, o feito proibido mesmo que essas técnicas sejam liberadas por lei.

2.2 Conceito de Comunicação

No livro “Comunicação e Pesquisa” de Santaella, a autora expõe a definição de comunicação feita por De Vito (1997, p. 20-31), que diz que “a comunicação é um pacote de signos, um processo de ajustamento, envolve conteúdo e dimensões relacionais”. Ele diz que “as sequências comunicativas são pontuadas, envolvem transações simétricas e complementares, que a comunicação é transacional, inevitável, irreversível e irrepitível.”

De Vito explica que “pacotes de signos são diferentes signos que concorrem para compor uma mensagem qualquer. Duas pessoas com gerações, culturas e classes sociais diferentes podem estar usando os mesmos sistemas de linguagem, mas a comunicação só ocorre através de um processo de acomodação ou ajustamento contínuos, que permite que a comunicação siga em frente.”

Para a explicação de conteúdo e dimensões relacionais, De Vito expõe que “a comunicação se refere, ao mesmo tempo, a algo que está fora do intercâmbio entre emissor e receptor e à própria relação entre esses dois indivíduos. As sequências comunicativas são pontuadas e desenvolvem pequenos pedaços de causas ou estímulos e outros de respostas ou efeitos, por mais que os eventos comunicativos sejam considerados contínuos.”

Ainda explica que as “relações comunicativas são tanto simétricas quanto complementares. Nas simétricas os indivíduos espelham o comportamento um do outro, e nas complementares, o comportamento de um serve como estímulo para o comportamento complementar do outro”. Por isso, as técnicas, principalmente de Grafite, mas também de Lambe-lambe estão crescendo nas cidades. Um artista reproduz suas obras na rua, e, por um acaso, um outro artista pode vê-las e admirá-las e acabar despertando o interesse de ele reproduzir as suas também, neste espaço que outros artistas também se expressaram.

A comunicação é inevitável porque, mesmo quando não queremos, estamos praticamente o tempo todo tentando mandar mensagens para o outro, seja com expressões corporais, e até mesmo olhares. Ela é irreversível pois uma vez comunicado, não tem como voltar atrás, e irrepitível pois tudo e todos estão continuamente mudando, então a mensagem nunca será a mesma.

Portanto, a linguagem urbana também se encaixa em todos esses conceitos de comunicação. Ela é cheia de signos, dos mais variados tipos. Representa algo que está fora do intercâmbio entre emissor e receptor, além de representar, de fato, a relação entre esses dois indivíduos. É fonte de inspiração para outros artistas e pessoas que se interessam pelo assunto. É inevitável pois, toda forma de arte sempre estará transmitindo uma mensagem, de alguma forma. É irreversível pois o material utilizado foi feito para marcar, pintar superfícies específicas, sem formas de serem removidas, a não ser que a superfície seja pintada ou destruída e é irrepitível pois mesmo na tentativa de replicação, um grafite nunca será o mesmo que o outro, por ser uma arte feita à mão.

Tratando-se do Lambe-lambe, a realidade muda um pouco. Ele é inevitável como o grafite mas pode ser reversível, por ser um papel qualquer, colado com cola, que pode ser removido. A característica mais atenuante do Lambe-lambe é sua reprodutibilidade, podendo ser colado um mesmo Lambe-lambe em vários locais diferentes, por isso, ele é repetível.

2.3 Arte como Comunicação

Vivemos em uma era onde a tecnologia reina, onde todos e tudo pode ser encontrado na internet, onde quem compartilha mais é mais popular, quem inova se destaca. Hoje, praticamente toda forma de arte é bem-vinda, ainda que existam preconceitos e barreiras governamentais.

Arlindo Machado em seu artigo “Arte e Mídia: aproximações e distinções” para a Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação em dezembro de 2004, contribui para a reflexão sobre a evolução artística.

Quem faz arte hoje, com os meios de hoje, está obrigatoriamente enfrentando a todo momento a questão da mídia e do seu contexto, com seus constrangimentos de ordem institucional e econômica, com seus imperativos de dispersão e anonimato, bem como com seus atributos de alcance e influência. Trata-se de uma prática ao mesmo tempo secular e moderna, afirmativa e negativa, integrada e apocalíptica. Os públicos dessa nova arte são cada vez mais heterogêneos, não necessariamente especializados e nem sempre dão conta de que o que estão vivenciando é uma experiência estática. (MACHADO, 2010, p.30)

Décia Francischetti, em sua dissertação de Pós-Graduação em comunicação na UNB de 2013 com título “Conformação contemporânea do Barroco na identidade cultural brasileira”, diz que “a arte deixou o estático formato convencional dos museus e as paredes dos colecionadores, e vestiu-se com outras roupagens para novos encontros dialogantes, esclarecedores, íntimos e tocantes com o povo, aplacando sua fome e sede de informação e cultura” (p.131).

As fronteiras formais e materiais entre os suportes e as linguagens foram dissolvidas, as imagens agora são mestiças, ou seja, elas são compostas a partir de fontes as mais diversas – parte é fotografia, parte é desenho, parte é vídeo, parte é texto produzido em geradores de caracteres e parte é modelo matemático gerado em computador. Cada plano agora é um híbrido, em que já não se pode mais determinar a natureza de cada um de seus elementos construtivos, tamanha é a mistura, a sobreposição, o empilhamento de 132 procedimentos diversos, sejam eles antigos ou modernos, sofisticados ou elementares, tecnológicos ou artesanais. (MACHADO, 2010, p.70 apud FRANCISCHETTI, 2013)

Francischetti diz que, “nos últimos tempos, a arte e a cultura passaram a cintilar como um excelente produto nacional, encabeçando a lista de probabilidades de negócios altamente rentáveis para o país. Para solucionar tal demanda, os meios das artes, da comunicação e da cultura tiveram que se reinventar e se adaptar às reivindicações do contexto atual, criando novas possibilidades de inserção social” (p.133 – 134).

Pode-se perceber que a arte deixa seu lugar primário na história e se torna algo mais amplo, público e livre. Ela começa a ser alvo de campanhas publicitárias e domina a rua com as mais variadas formas de expressão.

A frase mais conhecida dita por McLuhan em 1964 é “O meio é a mensagem”, o que sustenta o fato de que “o meio ou veículo de qualquer mensagem, pode se tornar tão comunicativo quanto a mensagem em si”. Ele coloca que “as consequências sociais e pessoais de qualquer meio constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos.”

Fazendo um comparativo com peças publicitárias reproduzidas em televisão, rádio ou em outros meios de comunicação, pode-se compreender a partir de McLuhan que, “hoje, com a televisão e todas as tecnologias inseridas em nosso dia a dia, experimentamos o processo oposto, o da integração e da inter-relação, que é tudo menos inocente. Os anúncios mostram ser uma forma de entretenimento comunitário autodestrutiva.”

Por isso, a publicidade tem vínculo direto com a arte e vice-versa. Hoje, marcas novas e consolidadas andam investindo mais em arte para fazer campanhas publicitárias ou até mesmo lançar sua marca para o mundo. A arte atinge públicos de todas as classes sociais, idade e sexo, se destacam aqueles que forem mais criativos e inovadores.

Isso se aplica à arte urbana. Muitas empresas estão investindo na intervenção urbana por sua grande ascensão no século 21. Desde grafites até outdoors personalizados andam sendo grandes apostas de micro e grande empresas.

2.4 Cidade

Para discutir as teorias que englobam a noção de “Cidade”, usou-se o livro “Não Lugares, introdução a uma antropologia da supermodernidade” de Marc Augé para melhor entender o significado de Lugar e Não-lugar, e sua relação com a arte urbana.

Para explicar a diferença entre lugar e não-lugar, ele faz um paralelo de características que um tem e o outro não. Para ele, “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode ser relacionado por essas características é chamado de não-lugar” (p. 73). Ainda diz que “a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos” (p.73), considerados como lugares que pertencem ao homem, que carregam sua identidade e podem ser identificados como “lar”.

Ao aproveitar a definição de Augé, pode se perceber que “os não-lugares se baseiam em uma vida limitada, sem cor e sem expressão”. E que “para eles se tornarem pseudo-lugares, eles teriam que viver o que uma metrópole tem, que são meios de transporte, ferrovias, aeroportos, hotéis, casas, parques.”

Mcluhan (1996, p. 173) menciona o autor Michel de Certeau, que acredita que o espaço é um “lugar praticado”, “um cruzamento de forças motrizes”: “são os passantes que transformam em espaço a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar”. Ele também menciona o significado de espaço de Merleau-Ponty, no livro Fenomenologia da percepção, que consiste em distinguir do espaço “geométrico” o “espaço antropológico” como espaço “existencial”, lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado “em relação com um meio”.

Neste caso, uma passarela, o portão de uma banca de revistas, a parede lateral de uma loja, que são lugares pertencentes a uma cidade e pela qual pessoas passam todos os dias, podem se tornar Lugares a partir da inserção de artes ali, que tornam o local único e, às vezes, pode se tornar tão familiar para algumas pessoas que

automaticamente ele se torna um lugar íntimo, agradável para aqueles que passam todos os dias por ali.

2.5 Espaço Público

Jürgen Habermas, em seu livro “Sociedade Civil e a Esfera Pública Política”, o autor diz que “a esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos” (p.92).

Por isso, o espaço público é o local preferido de publicitários, anunciantes e artistas de todos os tipos. Nele, suas obras e criações têm uma visibilidade maior, por ser o local onde milhares ou até milhões de pessoas passam todos os dias, independente de sua classe social, sexo ou religião.

Voltando ao autor Marc Augé, em seu livro “Não Lugares, introdução a uma antropologia da supermodernidade” surge com um conceito da expressão “espaço publicitário”. Para ele, esse espaço “aplica-se indiferentemente a uma porção de superfície ou de tempo destinado a receber publicidade nos diferentes veículos de comunicação” (p. 78). Dentro desta explicação, ele também menciona a expressão “compra de espaço”, que é reconhecida como o conjunto das operações efetuadas por uma agência de publicidade sobre um espaço publicitário.

A esfera pública se reproduz através do agir comunicativo. Ela se reproduz com a força humana de se comunicar e de comunicar para os outros. Ela constitui principalmente uma estrutura comunicacional do agir orientado pelo entendimento, a qual tem a ver com o espaço social gerado no agir comunicativo, não como as funções nem com os conteúdos da comunicação cotidiana.

O espaço de uma situação de fala, compartilhado intersubjetivamente; abre-se através das relações interpessoais que nascem no momento em que os participantes tomam posição perante os atos de fala dos outros assumindo obrigações ilocucionárias. Qualquer encontro que

não se limita a contatos de observação mútua, mas que se alimenta da liberdade comunicativa que uns concedem aos outros, movimentase num espaço público, constituído através da linguagem. (HABERMAS, 2003, p. 93)

Portanto, a esfera pública é um local livre, na qual assuntos públicos são discutidos por pessoas com variadas formas de pensar, daí é gerada a opinião pública. Em uma esfera como essa, está inserida tudo aquilo que faz uma pessoa pensar, sejam elas regras, anúncios e artes urbanas, que geram pensamentos diversos e fazem com que esses assuntos sejam parte do cotidiano de uma população.

3. METODOLOGIA

3.1 Revisão Bibliográfica

Como dizem as autoras Engel e Tolfo, revisão bibliográfica é “expor resumidamente as principais ideias já discutidas por outros autores que trataram do problema, levantando críticas e dúvidas, quando for o caso. É explicar no que o trabalho vai se diferenciar dos outros trabalhos já produzidos sobre o problema a ser trabalhado e/ou no que vai contribuir para seu conhecimento.”

3.2 Metodologia

Tatiana Engel e Denise Tolfo, em seu artigo eletrônico “Métodos de Pesquisa” de 2009, coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – SEAD/UFRGS, mencionam que, para Fonseca (2002), “*methodos* significa organização, e *logos*, estudo sistemático, pesquisa, investigação; ou seja, metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo.”

Neste TCC, cujo objetivo é analisar como novos artistas brasileiros que atuam no Plano Piloto, especificamente no bairro Asa Sul, podem utilizar a intervenção urbana como forma de exposição de suas artes, percebe-se como a metodologia adequada é a utilização de pesquisa descritiva, explicativa, revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo aprofundada.

3.3 Pesquisa Descritiva

O autor Triviños (1987 apud ENGEL; TOLFO, 2009) afirma que “a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”. “Os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação.”

Este tipo de pesquisa caracteriza a observação das artes urbanas. Falas, pensamentos e citações de autores que entendem sobre os assuntos escolhidos foram expostos exatamente como foram falados por eles em seus livros e artigos.

3.4 Pesquisa Explicativa

Segundo Gil (2007, apud ENGEL; TOLFO, 2009), “este tipo de pesquisa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Ou seja, este tipo de pesquisa explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos.”

Ela “pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado.”

O conceito de pesquisa explicativa é concretizado quando, após uma pesquisa descritiva, foi explicado o que foi entendido sobre aquela fala ou pensamento. Isso ocorre durante todo o trabalho, mostrando o entendimento acerca dos assuntos abordados.

3.5 Pesquisa de Campo

Segundo Fonseca (2002, apud ENGEL; TOLFO, 2009), “a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa.”

No presente trabalho, a pesquisa de campo é baseada em um levantamento de imagens de algumas obras feitas pelos artistas escolhidos para exemplificar o trabalho. Com um mínimo de dez fotos por cada artista, todas são autorais e feitas em dias e horas diferentes, mas sempre à luz do dia. Além do levantamento de imagens, a pesquisa de campo é concluída com uma entrevista, com os artistas Julianna Motter, Pedro Sangeon, Daniel Toys e Siren. Cada um dos artistas respondeu às duas

perguntas, feitas via chat da rede social Facebook, e foram expostas em tabela, no capítulo 4. A escolha dos artistas foi devido ao crescimento dos mesmos na cidade. Cada um tem uma técnica diferente de produzir arte, mas todos estão em ascensão no momento.

4. A PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo são apresentados os artistas escolhidos para representar o assunto do trabalho, qual a técnica utilizada por cada um deles, o que o trabalho deles representa, qual o diferencial de cada um e uma análise da mensagem que eles pretendem passar com suas artes urbanas. Além disso, estão alguns de seus trabalhos documentados com fotos autorais, entrevista com os artistas e um mapa geográfico dos locais dessas obras documentadas.

Os artistas foram selecionados por suas diferentes técnicas de arte e seu reconhecimento público e o crescimento atual, que os fazem estar cada vez mais inseridos na cidade. São eles a Julianna Motter com seus Lambe-lambes cheio de poesia, Pedro Sangeon com seu personagem Gurulino, Daniel Toys com o Toys e a Siren com suas personagens femininas e com referências japonesas.

4.1 Os artistas

4.1.1 Julianna Motter

A artista brasileira, estudante de Jornalismo na faculdade Uniceub, começou um projeto poético com Lambe-lambes de versos autorais, espalhando-os pela cidade.

Em maio de 2014, lançou seu primeiro livro, “De carne e concreto”, livro que reúne várias de suas poesias. Seu trabalho consiste também em oferecer estampagem gratuita de suas criações em camisetas, adesivos e suspiros a cada pessoa que lê e se identifica de alguma forma com suas palavras profundas.

A artista tem trabalhos espalhados pela cidade, do Lago Norte até o início do Lago Sul. Variando o tamanho dos Lambe-lambes, Julianna acrescenta desenhos de sua namorada e artista Alyssa Volpini, para incrementar suas palavras nas peças.

Ao caminhar pelo bairro Asa Sul, foram encontrados alguns de seus trabalhos e documentados para melhor exemplificar o contexto em que sua arte é inserida.

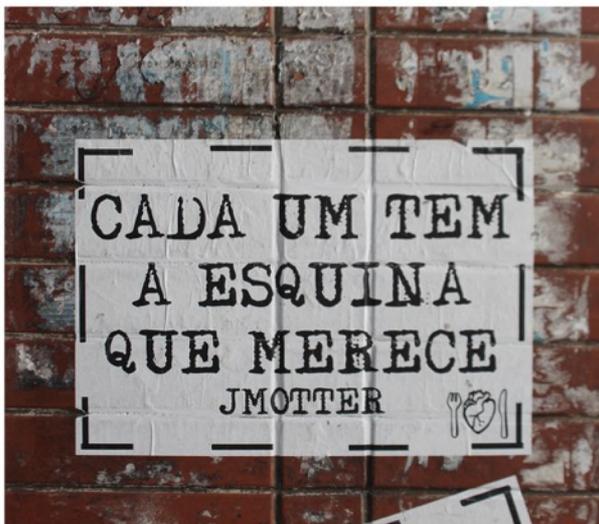
A artista em questão produz seus trabalhos todos em p&b. Os seus Lambe-lambes têm alguma repetição, pois podem ser vistos alguns dos mesmos espalhados pela cidade.

As obras possuem uma assinatura com elementos imagéticos desenhados, formando um garfo, um coração e uma faca.

Ao analisar essa assinatura, suas obras de arte e o que as palavras dela mostram a cada intervenção, pode-se perceber que a artista pretende tocar o coração de alguém, que por acaso esteja apaixonado, infeliz, perdido ou passando por algum momento delicado da vida.

Pode-se dizer que a linha artística da artista tem veia completamente emocional e vem para “confortar” ou até “enfurecer” corações enfraquecidos e mentes fechadas.

Imagem 1: Caixa de energia atrás do Beirute, na 109 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 2: Conic



Fonte: Próprio autor.

Imagem 3: Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul



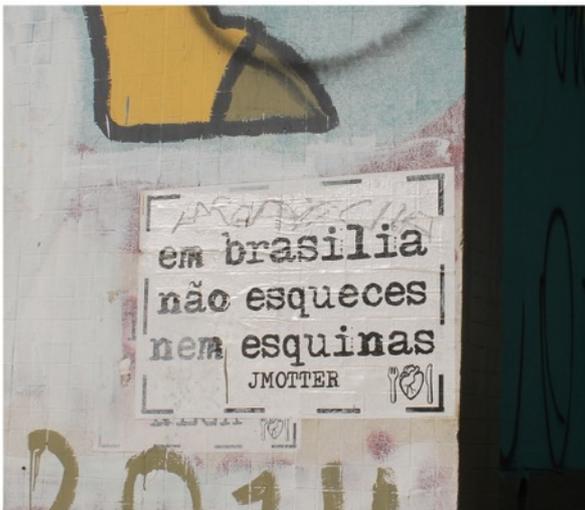
Fonte: Próprio autor.

Imagem 4: Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 5: Quadrado da CEB na 415 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 6: Quadrado da CEB na 307 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 7: 207 Sul



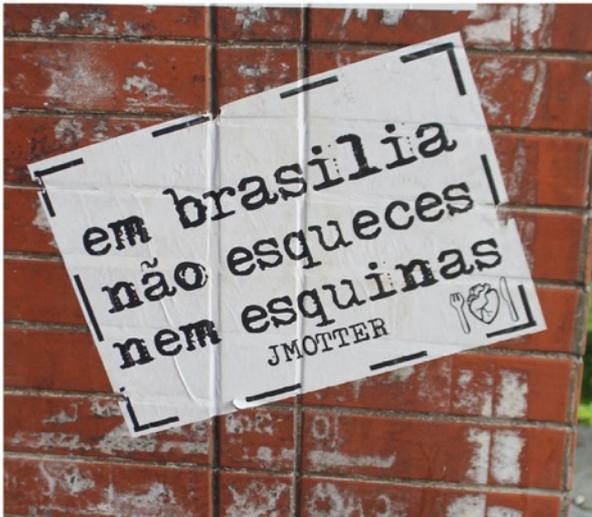
Fonte: Próprio autor.

Imagem 8: 207 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 9: Caixa de energia atrás do Beirute, na 109 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 10: Quadrado da CEB na 307 sul



Fonte: Próprio autor.

4.1.2 Gurulino

Pedro Sangeon é ilustrador, brasiliense, meditador e criador do personagem “Gurulino”. Em suas palavras, o Gurulino é uma forma de humor contemplativo e espirituoso, que ganhou vida em setembro de 2012.

O personagem alto-astral é feito de Grafite colorido e aparece, na maioria das vezes, sozinho, podendo também aparecer em conversas com os personagens “Guru”, “Mestre Cuca”, “Besta Fera” e “Lino” a versão do Gurulino mais humano, com problemas e perguntas complexas que só o Gurulino pode responder, com leveza e paz.

O artista já viajou o mundo reproduzindo novas intervenções do Gurulino em cada lugar que ele passou. Por aqui, em Brasília, o artista já explorou cada cantinho brasiliense, desde eles valas de esgoto a muros de restaurantes e casas. O artista também abre espaço para pedidos especiais, para que os admiradores do personagem possam pedir criações novas para decoração de interiores, pelo email meugurulino@gmail.com.

O artista está presente no bairro da Asa Sul, com algumas pequenas obras e outras bem grandes.

Imagem 11: Conic



Fonte: Próprio autor.

Imagem 12: 505 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 13: Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 14: Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 15: Viaduto entre Setor Bancário Sul e Setor de Altarquias Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 16: Banca na 704 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 17: Viaduto entre Setor Bancário Sul e Setor de Altarquias Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 18: Viaduto entre Setor Bancário Sul e Setor de Altarquias Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 19: Ponto de ônibus na 108 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 20: Construção ao lado do restaurante Grand Cru, na 412 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 21: 509 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 22: Atrás do Beirute, na 109 sul



Fonte: Próprio autor.

Ao analisar seu trabalho, conclui-se que o artista utiliza a letra “G” dentro de um quadrado como assinatura. Ele utiliza cores fortes em alguns Grafites e, em outros, apenas preto e branco. O personagem tem como maior característica o terceiro olho, posicionado no ponto entre os dois olhos normais. O terceiro olho, também conhecido como Ajna, é conhecido como o “Olho que tudo vê”, por ser capaz de exercer faculdades de telepatia e trazer capacidades indutivas e percepção sutil.

Supõe-se que ele pretende trazer leveza, paz e alto astral para as pessoas que passam por suas intervenções e interagem com elas. Várias mensagens positivas e expressões faciais do Gurulino, combinadas, fazem dele, uma arte espiritual, transcendental e até revolucionária.

4.1.3 Siren

Siren é artista brasileira que deu vida à personagem, também chamada de Siren, em 2013.

Paredes, caixas de eletricidade, portas e bancas são os locais em que Siren é reproduzida por todo o Plano Piloto. A personagem é uma representação intimista e moderna de desenhos japoneses, chamados de “Mangá”.

A personagem aparece sempre com olhares apaixonados, com cabelos esvoaçantes e parece viver em um outro mundo. Ela, muitas vezes, aparece nos grafites dos artistas Toys, Pomb e Omik, interagindo com os personagens de cada um desses artistas.

Sua assinatura é feita em letra manuscrita, aparecendo diferente em todas as suas obras, as vezes sublinhada, com um coração no acento da letra “i” e com cores diferentes. As cores utilizadas pela artista são extremamente fortes, predominando rosa, roxo, vermelho e azul. Em meio à personagem, aparecem alguns animais diferentes e fantasiosos.

Imagem 23: 502 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 24: 505 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 25 507 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 26: Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 27: Lanchonete na 504 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 28: Lanchonete na 513 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 29: Passagem Subterrânea da 108 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 30: Quadrado da CEB na 103 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 31: Caixa de energia atrás do Beirute, na 109 sul



Fonte: Próprio autor.

A personagem feminina pode ser entendida como a feminilidade de Brasília, uma cidade muito sensual, de curvas sinuosas, beleza peculiar e original. A artista é jovem e suas obras também, inseridas em uma cidade que se tornou extremamente jovem por estar crescendo em todas as áreas por força de vontade de jovens empreendedores e cheios de criatividade.

Ela vive no mundo da fantasia e nos faz nos encantar com seus olhares profundos e presentes nas curvas e construções de Brasília.

4.1.4 Toys

Daniel Toys, nascido em abril de 1991, criador dos personagens “Toys”, está crescendo atualmente na capital e toma conta da cidade com suas formas únicas e cores vibrantes.

O personagem aparece como um retrato, na maioria das vezes sozinho, dizendo algo sobre Brasília, como “Toys Love W3 Sul” ou simplesmente “Brasília” com um tom de admiração. É reproduzido com cores extremamente fortes e possui uma assinatura com o sobrenome do artistas, “Toys”, em letra cursiva e despojada.

O personagem parece ganhar vida junto com outros artistas que também estão crescendo de forma parecida com a dele. Em vários Grafites, podemos perceber a participação especial dos Grafites de Pomb, Yong, Siren e até mesmo o Gurulino juntos.

O artista também promove sua arte por meio de stickers e decoração de festas em Brasília.

Imagem 32: 507 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 33: 507 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 34: 507 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 35: Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 36: Galeria dos Estados



Fonte: Próprio autor.

Imagem 36: Galeria dos Estados



Fonte: Próprio autor.

Imagem 37: Viaduto entre Setor Bancário Sul e Setor de Altarquias Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 38: Passagem subterrânea para o Setor Bancário Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 39: Viaduto entre Setor Bancário Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 40: Banca na Quadra 4 do Setor de Altarquias Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 41: Arte em construção em casa da 705 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 42: 505 Sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 43: Parede de trás do Beirute,
na 109 sul



Fonte: Próprio autor.

Imagem 44: Quadrado da CEB na 416 sul



Fonte: Próprio autor.

O artista criou um personagem que é facilmente identificado em Brasília. É a representação desenhada de garotos ou homens que gostam de andar de skate, curtir Brasília e até mesmo grafitearem pelas paredes brancas da capital. Por isso, o personagem anda ganhando espaço no coração dos brasilienses.

Percebe-se que cada um dos artistas possui formas e técnicas diferentes de reproduzir suas artes. A essência deles fez com que a pesquisa de campo ficasse diversificada, mesmo que trazendo um mesmo assunto, que é a intervenção urbana. Com idades variadas e identidades peculiares, eles se destacam na cena urbana em Brasília, tornando a cidade cada vez mais colorida e cheia de vida.

4.2 As perguntas

Este questionário foi criado a partir da vontade de saber a opinião dos artistas sobre questões que abordam o assunto principal deste trabalho. As perguntas foram feitas via chat da rede social Facebook, com o seguinte texto de introdução: “Olá, boa noite! Eu sou aluna do último semestre do curso de Publicidade e Propaganda do Uniceub e estou fazendo meu TCC com tema “A rua como tela para novos artistas brasilienses”. Vou falar sobre a utilização do espaço urbano em Brasília, mais

especificamente da Asa Sul, e escolhi você como um dos artistas a ser abordado, que utiliza a técnica de Grafite. Você poderia responder essas duas perguntas para mim? Por favor? se conseguir me enviar até amanhã, dia 20/10, a noite seria ideal! 1) Porque você escolheu a rua como veículo para comunicar sua arte? 2) Você acha que a rua tem se tornado um meio inovador para novos artistas? Explique o porquê. Também gostaria de te convidar para assistir a apresentação de meu TCC, que ocorrerá na última semana de novembro, a confirmar data certa e horário ainda. Obrigada pela atenção! Um abraço.⁴

As respostas foram obtidas ao longo de uma semana, foram transcritas fielmente e organizadas por pergunta, para que fique mais claro e fácil o entendimento dos autores sobre cada uma das perguntas.

1) Porque você escolheu a rua como veículo para comunicar sua arte?

Julianna Motter e Alyssa Volpini

Nós temos uma preocupação com a claustrofobia causada pela pressa da vida urbana. O excesso de cinza, de concreto, de pressa. E ao mesmo tempo, tínhamos uma coisa muito forte acontecendo entre nós, uma troca de ideias e linguagens. Acreditamos também que a cidade é um espaço fértil para esse tipo de ação, então decidimos reunir os poemas com as ilustrações e "criar" espaços de desvio, respiro e suspensão, no meio de espaços urbanos. Permitir que qualquer pessoa que passe por esses lugares, possa parar alguns segundos do dia dela para se distrair com alguma coisa diferente e respirar. Além disso, reinventar esses espaços, ressignificá-los. Transformar espaços em lugares. E assumir o papel que, nós acreditamos, seja o da arte: ir para a rua e alcançar pessoas que, normalmente, não teriam acesso. Tornar a coisa democrática, para quem quiser ver e entender da forma que puder e achar conveniente. E por fim, foi uma forma de mostrar nossos trabalhos. Hoje, temos lambes por toda Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia, Curitiba, Pirenópolis, Portugal...

⁴ Os artistas receberam o convite oficial com data, hora e local da banca do trabalho no dia 15 de novembro de 2015. Via chat do Facebook.

Pedro Sangeon

Acredito que a rua seja o lugar autêntico do artista. é onde o mundo acontece, onde tudo se encontra, se mistura, se atrita. Acho que a rua é caminho natural de todo artista. A galeria, o museu e a rua, são casas da arte e, pra mim, todas com o mesmo potencial. O que muda é a forma com que o público irá se relacionar com o trabalho e por esse aspecto, são espaços que se complementam. Acho que todo artista de galeria deveria expor parte do seu trabalho na rua e todo artista de rua, na galeria.

Siren

Duas questões me levaram achar a rua o meu melhor espaço de trabalho: visibilidade e contato. A rua tem potencial de ser uma galeria ao ar livre e mais democrática, onde qualquer um pode expor (de graça!) e qualquer pessoa pode ter contato, seja "visitando" essa galeria, ou até mesmo pegando no flagra algum artista trabalhando. É nesse contato de artista e público que tenho um direcionamento se o que eu estou fazendo está bom e se está fazendo bem à cidade, sem contar as experiências absorvidas por conta disso, seja conhecendo pessoas que gostam do seu trabalho ou as que detestam.

Daniel Toys

Sempre estive em contato com ambiente urbano comecei na infância, andava de skate então isso facilitou meu acesso ao graffiti. Com o tempo percebi que a rua é o melhor suporte para você se expressar, você é de certa forma "livre".

2) Você acha que a rua tem se tornado um meio inovador para novos artistas? Explique o porquê.

Julianna Motter e Alyssa Volpini

Em Brasília, existe um monopólio. Poucas pessoas ainda se arriscam a levar para rua. Ou entendem a importância disso. Ou se permitem ocupar esses espaços tão abertos e pouco rentáveis. Mas que, em âmbito nacional, se tornou uma vitrine para novos

talentos, isso é inegável. Grandes nomes têm se realizado nas ruas, e levado essas artes para outros espaços. A rua tem essa polaridade de ser um lugar para o qual olhamos pouco, mas que, com qualquer mudança, já nos chama atenção.

Pedro Sangeon

A rua sempre esteve aí. São as pessoas que passam a percebê-la ou não. O inovador no trabalho de rua hoje não é o trabalho em si, mas a associação do trabalho de rua com a propulsão de visibilidade que as mídias sociais promovem. Acredito que esse mix é o que está acontecendo de novo na arte.

Siren

A combinação da rua e as redes social é com certeza o caminho que a maioria das(os) grafiteiras(os), principalmente de Brasília, estão seguindo. Na rua todo mundo tem acesso ao seu trabalho, mas muitas vezes ninguém sabe de fato quem o faz, e então, a rede social entra colaborando nesse aspecto: conhecer o artista e sua galeria virtual.

Daniel Toys

Sim! A rua é um lugar democrático aonde todos podem ser vistos, mas inovador acredito que não. Intervenções nas paredes das cidades já são bem antigas. Se a gente for analisar, podemos pensar desde o tempo das cavernas. Mas acredito que a rua é um suporte muito importante para divulgação e visualização de novos artistas.

4.3 Mapa

Foi realizado o mapa geográfico de todas as obras documentadas anteriormente. Os marcadores estão taguados com a inicial de cada artista, para analisar onde concentram suas artes e a frequência de obras captadas na Asa Sul.

Mapa 1 – Mapa Geográfico da Asa Sul



Fonte: Próprio do autor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação e a arte andam juntas há um bom tempo. A comunicação é um pacote de signos, que representa um conjunto de diferentes signos que concorrem para compor uma mensagem qualquer. A comunicação é transacional, inevitável, irreversível e irrepitível, assim como a arte que também depende de signos para existir.

Nessa relação, a interação entre indivíduos é essencial para que haja o nascimento de novas formas de comunicar e para que a mensagem continue sendo levada a diante, pois um indivíduo se espelha no comportamento de outros indivíduos, quando é de seu interesse. Ou seja, o comportamento de uma pessoa pode servir de estímulo para o comportamento de outra pessoa.

Por isso, a publicidade, área que explora as relações comunicacionais, utiliza a arte como um dos recursos para comunicar. E essa escolha vem sendo muito presente ultimamente, por conseguir abranger públicos grandes e específicos, das mais variadas idades e sexo.

O espaço de uma galeria é uma das formas mais antigas de exposição de arte e, sempre muito eficaz para o reconhecimento de um artista. O espaço público de uma cidade também se tornou veículo para a comunicação de arte. Muitos artistas seguem a linha urbana desde o início e servem de exemplo para novos artistas que precisam de um encorajamento para tomarem as ruas como tela.

O objetivo geral deste trabalho é o estudo de como novos artistas brasilienses usam o espaço urbano como forma de expor suas obras de arte e ideias, mais especificamente via Grafites e Lambe-lambes no bairro Asa Sul, situado em Brasília-DF.

O TCC permitiu o aprofundamento no conhecimento a respeito de arte urbana e a experiência de conhecer alguns artistas brasilienses que utilizam as técnicas

abordadas, portanto, o objetivo deste TCC foi alcançado de forma correta e foi fortalecido pelo contato com esses artistas.

A pergunta problema questiona como o uso do recurso intervenção urbana virou tela para novos artistas expressarem suas obras de arte e ideias. Ao expor a questão, percebe-se que, ao estudar o início das manifestações humanas, entender que o homem, desde sempre, tem a necessidade de se expressar e de alguma forma marcar território, juntamente com entendimento do crescimento da modernização e dos recursos humanos, o ser vivo cresceu junto com o mundo e novas maneiras de se expressar foram criadas.

Galerias, *outdoors*, paredes internas, passagens subterrâneas, galerias online e até aviões podem ser veículos utilizados pelo homem para exposição de obras de arte variadas. A rua, com seu peso *underground* foi naturalmente se tornando um local propício para artes urbanas, por causa de sua visibilidade imensa e por ser um local desafiante, onde apenas no século 21 começou a se tornar um espaço liberado por lei a ser utilizado para intervenções urbanas.

A era tecnológica trouxe uma expansão de possibilidades para um artista se posicionar no mercado artístico. Com o surgimento da internet, fotos e vídeos começaram a ser publicados para quem quisesse ver. Os artistas começaram a ser reconhecidos e a possibilidade de identificação de obras e intervenções se tornou infinitamente maior. As redes sociais permitiram a criação de perfis para usuários, e o compartilhamento e troca de experiências entre pessoas com acesso à internet.

O reconhecimento artístico começou a fortalecer aqueles que já tinham um histórico, sendo em galerias ou nas ruas e encorajar aqueles que sempre tiveram vontade de se destacar com arte no mundo.

Os artistas de rua dizem se sentir livres naquele ambiente. Cada cantinho, esquina, poste, passarela pode ser um espaço para arte. Por isso, a intervenção urbana, diferente da galeria, traz possibilidades infinitas para aqueles que, de alguma forma, se sentem presos ao exporem suas obras em locais internos.

O local escolhido para o estudo dessa realidade é Brasília-DF e os artistas que nasceram lá e, têm para si, a cidade como “sua”. A cidade foi construída com total planejamento e possui uma identidade que ninguém consegue imitar. As formas das construções, a sensualidade das curvas e cores faz apaixonar qualquer um que passa por lá. Os brasilienses têm uma característica muito única, que se baseia no amor intenso pela cidade. Por isso, a cada dia que passa, Brasília se torna mais um lugar que uma cidade.

A força de microempreendedores, artistas e criativos da cidade movem ela a todo vapor. Cada dia vê-se novos projetos, novas iniciativas e novas artes, que preenchem a cidade de cor e vida.

Este TCC abre portas para a discussão de arte, espaço urbano, comunicação e muito mais. Existem algumas sugestões para o prosseguimento deste trabalho como o estudo de artistas brasileiros e não apenas brasilienses, formando um trabalho com uma identidade de arte maior. A pesquisa de micro e grande empresas que utilizaram a arte como forma de comunicar e lançar sua marca para o mundo, cases publicitários de sucesso que foram veiculados em ambientes externos e a análise de todos os tipos de intervenções urbanas e exemplos do uso das mesmas.

REFERÊNCIAS

ADAMI, Ana. A arte do Grafite. *Infoescola*. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/artes/a-arte-do-grafite/>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea Christine Kauer. Arte, grafite e o espaço urbano.

Palíndromo, Florianópolis, n.08, 2012. Disponível em:

<http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/8/artigo_arte_grafite.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

BRASIL. **Lei 12.408, de 25 de maio de 2011**. Altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm>. Acesso em: 13 nov. 2015.

CENTRO INTERNACIONAL DE SEMIÓTICA & COMUNICAÇÃO. Grafiti, acciones urbanas de sentido: un análisis semiótico. 10 jul. 2013. Disponível em:

<<http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/161-pedro-russi-grafiti>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

CONCEITO.DE. *Conceito de Arte*. 12 set. 2011. Disponível em:

<<http://conceito.de/arte#ixzz3jDaxW8Ew>> Acesso em: 13 nov. 2015.

CONCEITO.DE. *Conceito de Cidade*. 24 jun. 2013. Disponível em:

<<http://conceito.de/cidade>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

CONCEITO.DE. *Espaço Público*. 12 ago. 2013. Disponível em:

<<http://conceito.de/espaco-publico#ixzz3jDY6XJFP>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

CONCEITO.DE. *Espaço Urbano*. 10 ago. 2013. Disponível em:

<<http://conceito.de/espaco-urbano#ixzz3jDZPA4IC>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

COSTA, Kariane. Brasília completa 55 anos com ousadia e desigualdades. *EBC - Radioagência Nacional*. 20 mar. 2015. Disponível em: <<http://radioagencianacional.ebc.com.br/geral/audio/2015-04/com-quase-tres-milhoes-de-habitantes-brasilia-completa-55-anos>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. Pesquisas: exploratória, descritiva e explicativa. *Monografias Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasileSCO.la/m14571>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

ENGEL, Tariana; TOLFO, Denise (Org.). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

FACEBOOK. *Gurulino*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GurulinoBook?fref=ts>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

FACEBOOK. *Juliana Motter*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eusouajulianna?fref=ts>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

FACEBOOK. *Retrato Brasília*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/retratobrasilia>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

FACEBOOK. *Siren*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sirenarte/?fref=ts>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

FACEBOOK. *Toys*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/toysdaniel/?fref=ts>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

FERREIRA, Luana Maia. O espaço urbano como suporte para arte. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 2005, Londrina. *Dissertação...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. Disponível em: <https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/11/luana_maia.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2015.

FESTIVAL RETRATO BRASÍLIA. *Workshop*. 20 abr. 2014. Disponível em: <<http://culturabancodobrasil.com.br/portal/festival-retrato-brasilia/>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

FRANCISCHETTI, Délcia Silva. *Conformação contemporânea do Barroco na identidade cultural brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013

FUZZI, Ludmila Pena. O que é a Pesquisa de Campo? *Metodologia Científica*. 24 mar. 2010. Disponível em: <<http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com.br/2010/03/o-que-e-pesquisa-de-campo.html>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

HABERMAS, Jurgen. *Sociedade Civil e a Esfera Pública Política. Direito e Democracia, entre Faticidade e Validade*, São Paulo: Tempo Brasileiro, 2003.

HELM, Joanna. Oscar Niemeyer: Em suas próprias palavras. 06 dez. 2012. *ArchDaily Brasil*. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/79661/oscar-niemeyer-em-suas-proprias-palavras>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

JEMMA, Ezio. Conheça alguns dos maiores grafiteiros do Brasil. *Guia da Semana*. 17 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.guiadasemana.com.br/turismo/noticia/conheca-alguns-dos-maiores-grafiteiros-do-brasil>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

MACHADO, Arlindo. *Arte e mídia: aproximações e distinções*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MACHADO, Arlindo. *Arte e mídia: aproximações e distinções. E-campós*. São Paulo, n. 01, 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/15/16>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1996.

NÃO-LUGARES: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2010

NETO, João. *Vale muito a pena ler, Arte Urbana! Intervenções Artísticas no Espaço Público – parte 1*. 19 jun. 2012. Disponível em: <<https://brunomaxwel.wordpress.com/2012/07/19/vale-muito-a-pena-ler-arte-urbana-intervencoes-artisticas-no-espaco-publico-1/>>. Acesso em: 17 nov. 2015

PACIEVITCH, Thais. Arte Rupestre. *Infoescola*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/arte-rupestre/>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

PERCÍLIA, Eliene. Grafite. *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasileSCO.la/b188>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

PROTOPIA WIKI. *Lambe-lambe*. Disponível em: <<http://pt-br.protopia.wikia.com/wiki/Lambe-lambe>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

QUADRADO BRASÍLA. *O que é o Retrato Brasília*. Disponível em: <<https://quadradobrasilia.wordpress.com/o-que-e-o-retrato-brasilia/>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

RUSSI, Pedro. *Processos Semióticos em Comunicação*. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

SÁ, Gabriel de. Projeto Retrato Brasília vai mapear hábitos culturais da juventude no DF. *Correio Braziliense*, Brasília, 14 ago. 2014. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/08/14/interna_diversao_arte,442250/projeto-retrato-brasilia-vai-mapear-habitos-culturais-da-juventude-no-df.shtml>. Acesso em: 13 nov. 2015.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e Pesquisa*. São Paulo: Hacker, 2006.

SANTAELLA, Lucia. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SIENA, David Pimentel Barbosa de. A descriminalização do grafite (Lei 12.408/2011) e a tipicidade conglobante. *DireitoNet*. 09 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/6985/A-descriminalizacao-do-grafite-Lei-n-12408-2011-e-a-tipicidade-conglobante>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

TELATIN, Raphael. *A arte de colar stickers*. Disponível em: <<http://obey.giant.zip.net>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

WIKIPEDIA. *Asa sul*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Asa_Sul>. Acesso em: 13 nov. 2015a.

WIKIPEDIA. *Hip-hop*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop>. Acesso em: 13 nov. 2015b.

WIKIPEDIA. *Sticker-art*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sticker_art>. Acesso em: 13 nov. 2015c.

WIKIPEDIA. *Underground*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Underground>>. Acesso em: 13 nov. 2015d.